



**MEMÓRIAS DE UM ESGRIMISTA:
ENTREVISTA COM O CAMPEÃO PARALÍMPICO
JOVANE GUISSONE**

MEMOIRS OF A FENCER:
INTERVIEW WITH THE PARALYMPIC CHAMPION
JOVANE GUISSONE

MEMORIAS DE UN ESGRIMIDOR:
ENTREVISTA CON EL CAMPEÓN PARALIMPICO
JOVANE GUISSONE

*Eduardo Klein Carmona¹,
Josiana Ayala Ledur¹,
Janice Zarpellon Mazo¹*

**RESUMO**

O presente texto apresenta o registro de uma entrevista realizada com o atleta Jovane Guissone, primeiro brasileiro a conquistar uma medalha em Jogos Paralímpicos na esgrima em cadeira de rodas. O atleta sul-riograndense treina em Porto Alegre e faz parte da equipe da Associação de Servidores da Área de Segurança Portadores de Deficiência. Por meio da entrevista, buscamos conhecer sua história no esporte, destacando-se o envolvimento com a prática da esgrima, as condições de treinamento, a participação nos Jogos Paralímpicos de 2012, a conquista da medalha inédita e, por fim, evidenciar como o atleta percebe o esporte paralímpico no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: História do esporte. Memória esportiva. Esporte paralímpico. Esgrima em cadeira de rodas.

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul – Brasil

Contato: eduardok.carmona@hotmail.com

Submetido em: 29 mar. 2016 - **Aceito em:** 15 abr. 2016.

Agradecimentos: Ao atleta Jovane Guissone por conceder a entrevista e, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

**ABSTRACT**

This text presents the register of an interview realized with the athlete Jovane Guissone, first Brazilian to win a medal in Paralympic Games in wheelchair fencing. The athlete from Rio Grande do Sul trains in Porto Alegre and is part of Servers Association of Security Area Disabled team. Through the interview, we seek to understand his history in sports, highlighting the involvement with fencing practice, training conditions, participation in the 2012 Paralympic Games, the conquest of unpublished medal and, lastly, evidence how the athlete perceives Paralympic sports in Brazil.

KEYWORDS: Sport history. Memory of sport. Paralympic sport. Wheelchair fencing.

RESÚMEN

Este artículo presenta el registro de una entrevista con el atleta Jované Guissone primer brasileño a ganar una medalla en los Juegos Paralímpicos en esgrima en silla ruedas. El atleta del Rio Grande do Sul treña en Porto Alegre y es parte del equipo de los servidores de la Asociación de Área de Seguridad con discapacidad. A través de la entrevista, buscamos conocer su historia en el deporte, destacándose el involucimiento con la práctica de la esgrima, las condiciones del entrenamiento, participación en los Juegos Paralímpicos de 2012, la conquista de la medalla inédita, y por último, evidenciar cómo el atleta recibe el deporte paralímpico en Brasil.

PALABRAS CAVE: Historia del deporte. Memoria deportiva. Deporte paralímpico. Esgrima en silla de ruedas.



CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Em 2012, o Brasil conquistou um feito inédito nos Jogos Paralímpicos de Londres, obtendo a sétima colocação no quadro geral de medalhas. Na ocasião foram conquistadas 43 medalhas, sendo 21 de ouro, 14 de prata e oito de bronze. Entre as 21 medalhas de ouro, uma foi conquistada pela atleta Jovane Silva Guissone na esgrima em cadeira de rodas. Este fato assinalou um momento ímpar para o esporte brasileiro, que, até então, nunca havia obtido uma medalha na esgrima no evento olímpico ou paralímpico.

A prática da esgrima em cadeira de rodas é um esporte recente no Brasil, datando suas iniciativas a partir da primeira década dos anos 2000.¹ Jovane foi um estreante na referida edição dos Jogos Paralímpicos, e único atleta da modalidade a representar o país. Anteriormente, apenas a atleta Andréa de Mello havia disputado pelo Brasil os Jogos Paralímpicos de Atenas, em 2004. O desempenho de Jovane é notório nas especialidades de espada e florete.



Figura 1: Jovane comemora vitória em Londres.
Fonte: UOL. Disponível em: www.uol.com.br.

Jovane é natural de Barros Cassal, cidade localizada no interior do estado Rio Grande do Sul, mas atualmente reside na região metropolitana de Porto Alegre. Na capital do estado treina nas dependências do Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE) e compete pela equipe da Associação de Servidores da Área de Segurança Portadores de Deficiência



(ASASEPODE). Na época de entrevista, Jovane estava em fase de treinamento para participar dos Jogos Paralímpicos de 2016, no Rio de Janeiro.

A entrevista com Jovane foi realizada de acordo com os procedimentos metodológicos descritos pela História Oral.² Esta entrevista foi um meio de preservar as memórias da vida esportiva do atleta Jovane Guissone, mas também constituiu-se em uma fonte oral² de pesquisa, a qual foi produzida para o projeto de pesquisa intitulado “Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação dos atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012)”, financiado pelo CNPq. Os resultados desta pesquisa estão disponíveis no site do “Observatório do Esporte Paralímpico” da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS.

A seguir apresentamos a entrevista transcrita, a qual foi realizada a partir de um roteiro com os seguintes tópicos: início da vida esportiva do atleta; envolvimento com a esgrima; locais e as condições de treinamento; significado de ser um atleta; participação nos Jogos Paralímpicos; a conquista da medalha; como o atleta percebe o esporte paralímpico no Brasil.

1- Como você iniciou a prática esportiva?

Bom! Há sete anos que eu pratico esgrima em cadeira de rodas. Mas, não foi na esgrima que comecei. Em 2004, eu adquiri uma lesão, uma deficiência, e, em 2005, fiz um ano de muita fisioterapia. Em 2006, eu comecei no basquete em cadeira de rodas. Fiz basquete de cadeira de rodas por um ano e, nesse ano que eu estava fazendo basquete em cadeira de rodas, eu conheci o Fábio Luís Damasceno, que também é da esgrima paraolímpica. Foi através do Fábio, ele me falou da esgrima. Nesse tempo fui e visitei a sala³ deles, olhei eles treinando e tudo. Em um dos dias que eu fui, eu comecei devagarzinho a praticar com eles. No início, tudo era novidade para mim, mas aquela novidade foi tomando seu gosto, até que eu me oficializei de vez. Larguei o basquete e comecei com a esgrima, porque as duas coisas junto eu não conseguia fazer. Então, eu me adaptei com a esgrima em cadeira de rodas e comecei a treinar forte mesmo. Eu iniciei em 2008, em janeiro. Em março do mesmo ano, eu já fui para o primeiro estágio que teve em Curitiba, na Universidade Positivo. Lá veio um técnico da

² Destaca-se que o texto final da entrevista foi revisado e aprovado, pelo entrevistado, o atleta Jovane Silva Guissone, antes de sua submissão à revista.

³ Sala d'armas. Sala para a prática da esgrima.



França que veio dar aula. Eu participei desse estágio, em seguida tive a oportunidade de jogar o primeiro Campeonato Brasileiro. Depois, 2009, foi formada a seleção brasileira, onde eu entrei com vaga na seleção brasileira para poder estar representando o Brasil lá fora. Na época, nós éramos seis atletas. O Fábio fazia parte também.

Nos próximos anos, vieram as competições, mas como eu não tinha ainda o “ranking” internacional era difícil chegar muito longe pelo nível. A gente não estava no nível de jogo como os atletas de fora. Por ser recente e estávamos competindo fora, era difícil para nós, mas fomos trabalhando, eu fui trabalhando e, graças a Deus, em 2010, já tive bons resultados em Copas do Mundo.

No ano de 2011, eu fiz história no Canadá, onde eu conquistei a primeira medalha da história da esgrima em cadeira de rodas, fui medalha de bronze. Em 2012, tinha a última prova para os Jogos Paraolímpicos, para ver quem conseguia a vaga ou não. E fui para a Copa do Mundo na Alemanha e fiquei com prata também, e conquistei a vaga para os Jogos Paraolímpicos. Foi muito rápida a mudança que eu tive para chegar a uma Paraolimpíada e, graças a Deus, fui para a paraolimpíada, bem preparado para conquistar esta medalha inédita. Um título inédito para o Brasil. Então, é muito pouco tempo, mas muita dedicação, muito trabalho mesmo que fez com que eu chegasse aonde cheguei.

2- Como você conheceu o basquete? Alguém te indicou?

Na época, eu conheci o Sandro⁴. Ele fazia parte, acho que ainda faz parte do basquete em cadeira de rodas. Um dia eu estava passeando no shopping, me encontrei com ele e ele me falou do basquete. Na época, até então, eu não fazia nada. E ele me falou do basquete, porque eles faziam basquete. Aí eu fui um dia visitar eles no Centro Olímpico em Canoas⁵ e aos poucos eu comecei a treinar com eles.

3- Quando você iniciou a prática da esgrima, o local de treinamento já era neste espaço?

Nada! Eu faço parte da associação ASASEPODE. É uma associação de pessoas cadeirantes e não cadeirantes. Então, cada um que quer ser associado, vai lá e se associa. Na época quando

⁴ Não foi possível identificar seu nome completo.

⁵ Cidade da região metropolitana de Porto Alegre.



eu comecei na associação, ela tinha um salãozinho. Um salão de quatro por quatro, onde treinavam seis atletas comigo. A ASASEPODE é uma casa antiga da Brigada Militar, e dessa casa se formou na associação. O pessoal começou a treinar lá, treinavam em um quarto. O grupo foi aumentando e, quando eu cheguei, já era num salãozinho. Salão bem pequeno sabe? Só que daí em diante começou o grupo a aumentar e chegou numa época em que a sala não suportou mais a demanda de atletas, a quantidade de atletas. Então, junto com o Coronel Sampaio⁶ e o Coronel Guacir⁷, que é o presidente da associação, eles conversaram com o pessoal da Brigada Militar e conseguiram uma sala, que é a antiga sala de esgrima, que até hoje está desativada, mas, na época, ela já estava desativada. A gente foi para lá e reabriu a sala.

Ela fica na Brigada Militar. Só que, assim, a sala tinha um espaço bom para nós, só que as condições para o deficiente eram complicadas. Começando a acessibilidade era zero. A gente chegava de ônibus, descia da parada e tinha que subir uns 800m num paralelepípedo “desparelho”. Complicado mesmo! A sala não era das melhores, não tinha um banheiro, não tinha água. A gente comprava água na época. Banheiro também, a gente improvisava os banheiros lá ou ia até a associação. Mas as coisas foram. Acreditávamos que um dia pudessem vir às mudanças. A gente nunca perdeu o foco, nunca perdeu as esperanças de melhorar, talvez em melhorar a sala lá mesmo. Não sei. Mas a gente pensava sempre em um melhor momento. Até que, quando eu fui para as Paraolimpíadas, o presidente que era do CETE na época me mandou um convite, falou com os técnicos que tinha a possibilidade da gente vir para o CETE. Porque o CETE estava em reforma, ia ser inaugurado e tudo mais. De repente a esgrima iria ganhar um espaço. Falaram aquilo e a gente foi. Vamos sonhar, vamos continuar sonhando.

Aí, graças a Deus, eu fui participar das Paraolimpíadas. Tive esse bom resultado e quando eu cheguei a Porto Alegre, no mesmo dia, recebemos um ofício do CETE dizendo que a sala estava disponível para a gente treinar. E hoje, graças a Deus, a gente tem uma *big* de uma sala, temos banheiros adaptados, tem chuveiros, tem adaptações dentro dos nossos armários para guardar as coisas. Tudo foi vindo através do suor, do trabalho em equipe. Antes não tinha e a gente tinha o sonho. Hoje, a gente está na realidade e sonha mais, sonha em uma

⁶Silvio Sampaio.

⁷Guacir de Llano Bueno.



Paraolimpíada. Eu sonho ser bicampeão em 2016. A galera também está treinando aí, sonha com uma medalha também. Se tiver sonho, a gente tem que correr atrás. Se eu cheguei, é porque eu acreditei em mim e também acreditei nos profissionais que estavam trabalhando comigo. Então, eles também podem chegar, porque estão treinando. E o pessoal de fora do estado também, o pessoal de São Paulo, de Curitiba. Acho que o caminho está certo, a estrada está curta, nós temos menos de quinhentos e quarenta dias para os Jogos do Rio de 2016. Contagem regressiva. Paraolimpíada em casa é um risco também, porque se a gente está treinando, o pessoal de fora está treinando também. Então, vence quem estiver mais preparado. O trabalho está sendo feito e vamos lá, vamos buscar, o que for da gente vai ser.

4- A ASASEPODE, atualmente, tem parceria com o Grêmio Náutico União. Conte um pouco sobre essa parceria.

Essa parceria começou o ano passado [2014]. Na verdade, a ASASEPODE e União já têm um trabalho de um longo caminho. Os professores do Grêmio Náutico União⁸, o Eduardo Vasconcelos Nunes e Alexandre Teixeira são professores do Grêmio Náutico União. Desde quando eu comecei, em 2008, eles já estavam trabalhando com a galera. Isso já faz aproximadamente uns dez, onze anos que tem esta parceria do Grêmio Náutico com a ASASEPODE.

Parece que, em 2004, teve um curso na Argentina onde os nossos técnicos, Alexandre Teixeira e o Eduardo, foram fazer este curso para trabalhar com a esgrima em cadeira de rodas. Eles fizeram este curso, voltaram para o Sul e foram em várias associações e, graças a Deus, que a única associação que abriu as portas foi a ASASEPODE, porque as outras tinham medo de tentar uma coisa e não dar certo. A ASASEPODE disse: “Vamos lá! Vamos tentar!”.

Foi um passo a mais que eles fizeram, conseguiram implantar a esgrima e hoje a esgrima só tem a crescer. É um dos esportes que hoje no Sul tem bons resultados. Uns dos melhores resultados de medalha e título, e está dando certo. Hoje, aquele grupinho de cinco atletas, esta quase em vinte atletas. E a gente quer mais. Até se você souber de pessoas amputadas, que tenham uma leve lesão da cintura para baixo, não importa se for pólio, se for amputação, se

⁸Clube Esportivo de Porto Alegre.



for cadeirante. A gente quer que essas pessoas venham, porque precisamos de mais gente, a esgrima precisa crescer cada vez mais. Porque aonde cresce o número de atletas, cresce o número de ajudas também. Assim, conseguimos colocar mais gente na sala, fazer mais projetos e também arrecadar mais material. Isso é muito bom para as pessoas porque também é desempenho na vida. O que eu aprendi hoje na esgrima, com minhas vitórias, não foi só para o esporte, foi para a vida mesmo. É uma lição mesmo. Só quem está dentro do esporte é quem sabe. São lições que levamos; que vou levar para vida toda, sabe?

5- Quando você percebeu que tinha se tornado um atleta?

Eu sempre me considerei um atleta. Eu sempre encarei todo o esporte que eu fiz. Todas as coisas que fiz na vida, se eu vou fazer, vou fazer para dar certo. Se às vezes não deu certo, é porque não deu. Mas, eu acho que sempre me considerei um atleta mesmo, porque eu nunca gostei de perder. Sempre, sempre o que eu fiz foi para ganhar mesmo. Então, me encaixei no esporte certo. Porque no esporte em grupo eu era muito brabo, era muito brigão, eu só queria ganhar. Na esgrima, se eu perder, foi porque eu perdi mesmo. Aí, eu tento relaxar e me tranquilizar, mas no esporte em grupo eu brigava em todo lugar, era muito brigão. Então, fui para o esporte certo, não é?

6- O que a esgrima representa para você?

É uma paixão à primeira vista mesmo, sabe? Quando eu cheguei naquela sala, na salinha lá, que eu botei a roupa, comecei a treinar com eles, eu me lembrei de quando eu era criança. A criança, quando ela está brincando e pega uma madeira, vê o outro coleguinha e já desafiai: “Vamos lá, vamos?”. Aí veio aquela infância toda. A esgrima é um esporte, como eu digo sempre, cem por cento seguro. É um esporte lindo, é um esporte de elite mesmo. Eu sou suspeito a falar. Então, representar o Brasil lá fora, conquistar uma medalha, subir no pódio mais alto, não tem preço, não tem preço mesmo!

Eu acho assim, a gente não cresce só no esporte, cresce na vida também. Hoje, praticamente eu sou uma pessoa completamente diferente. Hoje, a cada segundo, a cada dia, eu dou um valor muito forte, algo que antes eu não conseguia dar, não tinha aquele tempo na minha vida. E hoje, graças a Deus, eu consigo ter este tempo para mim.



7- Como foi para você ter conquistado a vaga para os Jogos Paralímpicos de 2012?

Nossa! Nosso sonho era, na Alemanha, conquistar uma medalha para conquistar esta vaga. Eu fui para a Alemanha, fui medalha de prata, só que na hora não saiu o resultado. Eu ganhei medalha de prata, perdi por um ponto para um russo e isso foi em janeiro de 2012. Eu fiquei de janeiro até maio ou junho aguardando esta vaga. O resultado eu tinha, mas, até então, não tinha saído nada ainda da vaga. “Ou vai ou não vai? Conquistou ou não conquistou?” Ficamos naquela expectativa, sabe? Um dia, foi em junho, se eu não me engano, foi em junho sim. Eu estava lá na minha mãe, lá interior lá de Soledade⁹. Um dia de uma tarde chuvosa e eu estava deitado em um colchão no chão. Estava “deitado”, olhando televisão, descansando, estava chovendo e, de repente, tocou o meu telefone. Meu técnico Eduardo me ligou: “Jovane, saiu a classificação, a gente conseguiu a vaga para os Jogos”. Me arrepio falando aqui. Eu não sabia se eu chorava, se eu gritava, se eu esperneava, o que eu fazia. Simplesmente caiu, ali, caiu o mundo. Eu fiquei muito feliz. A gente ficou, não só eu, mas todo mundo ficou muito feliz dali em diante.

Eu voltei para Porto Alegre, daí a gente começou a treinar. E aí, sabe? O objetivo era ir lá e fazer meu, cem por cento. Hoje, com certeza, hoje, olhando os meus vídeos, olhando os meus combates de 2012, a mudança foi muito alta, muito grande. Eu estava preparado, mas eu estava preparado naquelas condições que eu tinha para estar ali. Eu falei assim: “eu vou lá, vou dar meu cem por cento e sei que vou jogar¹⁰ com gente forte”. Eu não tenho medo, eu não tenho medo de jogar, e esse medo que eu não tive que fez com que eu chegasse. Porque, quando eu passei no quadro de eliminação, no quadro dos oito, eu peguei dois franceses, um no quadro oito e um na semifinal. Os dois atletas que eu peguei, são atletas já maduros na esgrima, são atletas que têm duas, têm três paraolimpíadas. Então, eu sabia que a estrada ali iria ser pedreira, mas o fato de eu estar tranquilo, eu não vou dizer que eu estava tão preparado quanto eles, mas eu estava tranquilo e ia fazer aquilo que eu tinha treinado e, pelo fato de eu estar tranquilo, isso me ajudou. Fez com que eu jogasse tranquilo.

Então, aquilo que eu treinei em sala, aquilo que eu sabia fazer, eu fiz e deu certo. Quando eu fui para a final, eu peguei a China. Pensei: “Estou na final”. Entrei com a mesma garra que eu entrei desde o início, mas tranquilo. O jogo foi uma “pedreira”. O vídeo está no Youtube. Até

⁹Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

¹⁰Expressão utilizada para fazer referência ao duelo, combate ou disputa nas competições de esgrima.



a final do jogo são quinze pontos. O jogo chegou a estar dez a dez, aí ele fez onze a doze. Aí deu duplo, deu treze a onze, treze para ele e onze para mim. Então, eu tive que saber administrar o jogo porque só faltavam dois pontos para ele, e, na espada, da cintura para cima tudo vale. Se ele toca duplo o toque duplo vale para os dois. Então, se ele usasse o toque duplo, ele me ganhava igual. Eu tive que ter a tranquilidade de reverter o jogo e não ser tocado. Tocar e não ser tocado. Então, foi quando eu busquei o jogo, consegui virar o jogo. Ele buscou também no quatorze a quatorze e eu consegui fazer o quinze. Foi muito puxado, foi “pedreira” mesmo. Nossa! Foi uma medalha inédita mesmo! Fiquei muito feliz de estar fazendo história. Como eu falei, em 2011, eu fui o primeiro medalhista na espada, no Canadá. Ano passado, 2014, fiz história no florete também, que é a segunda arma que jogo, eu fui bicampeão da Alemanha, no florete. Então, são bons resultados que, para mim, só falta o mundial para ganhar tudo. Falta o mundial, já joguei dois, três mundiais. O melhor resultado que eu tive em mundiais foi um quinto lugar. Eu estou atrás do meu mundial, pelo menos para fechar com “chave de ouro”. Copas do mundo eu tenho ganhado algumas, mas falta esse mundial para eu ter currículo completo.

8- Durante os Jogos de 2012, em Londres, você chegou a participar das cerimônias de abertura e encerramento?

De tudo. Nós da esgrima, tivemos o privilégio de ver, de acompanhar a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos, da Paraolimpíada e também o encerramento. Fomos o primeiro esporte que entrou e o último que saiu. Então, a gente entrou e, no início e no final, a gente também participou. Demais! Ver aquele centro olímpico gigante para caramba e poder dar volta ali, sabendo que tem muitas pessoas importantes passando ali. Claro, onde tem muitas pessoas, muitos brasileiros, muitas pessoas gritando, tu não tem chão. Na abertura teve show do Carlinhos Brown, da Rihanna e tiveram outros shows, outros espetáculos que, nossa! Às vezes, parecia que estava sonhando. Eles fizeram umas coisas muito legais. Coisas que tu nem acredita. O cadeirante chegar tocando a cadeira, de repente ele sai da cadeira, aí tem uma espécie de vara de ferro e os caras ajeitam aquela vara num banquinho, ele sai da cadeira, ele senta e aquela vara o leva lá em cima e, em pouquíssimo tempo, o cara está no ar. Os caras deram um show, umas coisas bem legais. E a gente presenciou tudo isso.



9- Como você vê o esporte paralímpico no Brasil?

Tem que crescer cada vez mais, mas hoje uma das maiores dificuldades que o esporte enfrenta é a falta de patrocínio, é a falta do financeiro para os atletas. Eu tive que lutar quatro anos, tive que ganhar uma Paraolimpíada, para ter um patrocínio. Eu fui primeiro medalhista em 2011, não ganhei patrocínio. Fui medalhista em 2012, não ganhei patrocínio. Ganhei uma Paraolimpíada para ter meu patrocínio. Hoje tem a Caixa, tem a Nissan, que me patrocinam, mas é pelos resultados que eu tive de Londres. Espero, agora, 2016, ganhar de novo para continuar esses patrocínios. Mas uma das coisas que hoje nossos atletas do Brasil enfrentam muito é esta falta de apoio financeiro. Porque o material vai se desgastando, vai quebrando, o pessoal tem que estar comprando e muitos têm suas rendas muito baixas, seu salário mínimo que é uma vergonha. Então, é o complicado o material para eles. Hoje em dia, é a falta de recurso financeiro que deixa os caras abatidos mesmo. Tem muita gente que se dedica só à esgrima, só ao esporte, e se tu não tens uma renda, tu não consegues te manter, você tem que fazer outra coisa para “girar”, né? O gasto que um atleta tem, durante seu dia a dia, é muito maior que o valor da bolsa que ele ganha.

Assim, na esgrima olímpica os caras só compram o material da esgrima. Nossa situação é diferente. Além do material que a gente tem que ter, que é material igual ao deles, nós temos que ter a nossa cadeira com as adaptações. Então, o gasto para adaptar ou tu mandar fazer uma cadeira é alto. Uma cadeira de esgrima hoje está em torno de 14 mil reais. Se não tiver uma cadeira de esgrima, tu não jogas. Então, as adaptações, uma cadeira de esgrima, o material é caro também. O gasto que o atleta tem é alto. Eu acho que, por isso, se não tiver uma ajuda, um patrocínio bom, é difícil. Rala, rala, rala, pode até chegar, mas demora.

REFERÊNCIAS

¹NAZARETH, Valber L.; DUARTE, Edison. Esgrima em cadeira de rodas. In: MELLO, Marco Túlio; WINCLER, Ciro. (Org.). **Esporte paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012. p. 105-114.

²ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-220.